

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

LUANA CHUQ DE JESUS

HUMANISMO EM VICO

UBERLÂNDIA
2023

LUANA CHUQ DE JESUS

HUMANISMO EM VICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção dos títulos de bacharel e licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido

UBERLÂNDIA

2023

LUANA CHUQ DE JESUS

HUMANISMO EM VICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel e Licenciada em Filosofia.

Orientador:

Banca Examinadora

Uberlândia, ____ de Dezembro de _____.

Prof. Dr.

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof. Dr.:

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a toda organização Soka Gakkai Internacional (SGI), que tem como grandes líderes do passado pessoas como Tsunessaburo Makiguti, Jossei Toda e um grande líder atual e nosso mestre: Daisaku Ikeda. Todos esses líderes foram e são modelos na educação e na Filosofia e foi ao observar suas vidas e suas lutas que escolhi fazer o curso de Filosofia. A SGI aqui no Brasil e no mundo tem uma grande rede de apoio e incentivo que me amparou nos momentos mais difíceis.

Agradeço ao Prof. Dr. Sertório de Amorim, por sua paciência e benevolência em me orientar na execução da pesquisa, além de ter me inspirado a estudar um grande filósofo que foi Giambattista Vico.

Agradeço também ao Prof. Dr. Humberto Guido que me ajudou a concluir este TCC e me mostrou que era capaz de finalizar uma tarefa tão desafiadora que foi o curso de Filosofia.

Agradeço a todo o Instituto de Filosofia com seus professores e técnicos que fizeram e fazem diferença na vida do estudante. Pois, no dia a dia da universidade, são eles que estão lá nos ajudando. Dos professores do Instituto, agradeço especialmente o Prof. Dr. Fernando Mendonça que me ensinou que por maior que seja a dificuldade enfrentada por um aluno, não devemos jamais desistir dele.

Agradeço à minha família que nunca questionou minhas decisões e sempre esteve do meu lado. Além disso, agradeço ao meu namorado Matheus Luiz, pois foi graças à confiança que ele me transmitiu, que consegui terminar meu Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

Giambattista Vico realizou reflexões acerca de qual método de estudo seria o mais eficaz, para tanto, ele comparou o método dos antigos com o dos modernos. Ao mesmo tempo, o filósofo fez críticas ao método cartesiano por rejeitar a verossimilhança. Vico entendia que a busca pelo racionalismo no âmbito escolar afastaria o indivíduo da sociedade, de modo que isso suscitava um problema de ordem ética. Vico defendeu que por mais importante que seja ensinar o uso da razão, disciplinas como artes, música, oratória entre outras, despertam no indivíduo um senso de comunidade importante para toda sua vida. Vico usa vários exemplos ao longo de sua grande obra *Sobre o Método de Estudos do Nosso Tempo* para demonstrar o valor de unir tanto o método dos antigos como o dos modernos. Na sua oração inaugural, temos um ressurgir de uma querela entre os antigos e os modernos, similar àquela protagonizada por Charles Perrault e Nicolas Boileau. O resultado dessa nova querela conduziu ao humanismo de Vico, que se apresenta como uma resposta da comparação que ele fez dos dois métodos.

Palavras-chave: Vico, método dos antigos, método dos modernos.

ABSTRACT

Giambattista Vico thought on which method of study was more effective when comparing the method of the ancients with the modern ones. At the same time, the philosopher built criticisms about the Cartesian method of rejecting verisimilitude, considering that the search for rationalism in the school environment would distance the individual from society. It would then be a problem of ethical and moral question. Vico argued that, as important as it is to teach the use of reason, disciplines such as arts, music, oratory, among others, awaken in the individual a sense of community that is important for his entire life. Vico uses several examples throughout his great work "On the Method of Studying Our Time" to demonstrate the value of uniting the two methods. In his inaugural oratory, we have a resurgence of a quarrel between the ancients and the moderns close to the quarrel between Charles Perrault and Nicolas Boileau. And the result of this new quarrel is to arrive at Vico's humanism, which would be the answer to the comparison he made between the two methods.

Keywords: Vico, method of the ancients, method of the moderns.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO	5
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	7
APRESENTAÇÃO	8
<i>O RATIO STUDIORUM</i>	9
A PEDAGOGIA CARTESIANA	18
SOBRE A QUERELA DOS ANTIGOS E DOS MODERNOS.....	24
CONCLUSÃO	28
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Na obra *Sobre o Método dos Estudos do Nosso Tempo* de autoria de Giambattista Vico, um conceito bastante ressaltado pelo filósofo é o senso comum, ou seja, o conhecimento que temos em meio a nossa comunidade. Posso dizer que o conhecimento que obtive pelo senso comum foi o que me conduziu até uma das orações inaugurais importantes de Vico.

O tema Humanismo foi muito presente na minha trajetória de vida até neste momento, influenciada pelo Budismo de Nichiren Daishonin que tem no humanismo o cerne de sua prática religiosa e social. Apesar do tema ser tratado de formas diferentes entre o budismo e Vico, eles se convergem em um ponto comum que é a educação. E foi por notar similitudes em como compreender o humanismo, decidi realizar uma pesquisa aprofundada no *De Ratione* que é uma obra que aborda esse tema. Além de julgar que o *De Ratione* seja uma obra importantíssima para a discussão sobre um bom método educacional nos dias atuais.

E posso dizer que foi muito natural escolher o tema Humanismo para minha pesquisa e tendo o professor Dr Sertório de Amorim como meu primeiro orientador, pude dominar bem o texto e com o auxílio do professor Dr Humberto Guido a conclusão da minha pesquisa foi realizada da melhor forma possível.

APRESENTAÇÃO

No primeiro capítulo intitulado como *O Ratio Studiorum* faremos uma análise de como e em que circunstâncias o *Ratio* foi elaborado. Passando por nomes importantes que marcaram a Companhia de Jesus e quais foram as suas contribuições para a elaboração do método de ensino que vigorou por duzentos anos. Ao mesmo tempo, vamos ver o ponto de vista do filósofo Giambattista Vico sobre o método, mostrando a sua relação de infância com a Companhia e suas considerações depois de mais velho, com a elaboração da sua sétima oração inaugural intitulada como *De Nostri Temporis Studiorum Ratione* (1709).

No segundo capítulo intitulado como *A Pedagogia Cartesiana* iremos conhecer em que bases são fundadas a pedagogia do *Cógito*. Que conceitos são comuns para Descartes e Vico para a pedagogia, mesmo com pontos de vista diferentes. Além da apresentação da pedagogia cartesiana, iremos ter o ponto de vista crítico de Vico em relação a implementação desse método ao ensino. Também teremos o embate sobre a busca pela verdade de Descartes com a verossimilhança do filósofo napolitano. E analisaremos a questão importante para Vico sobre como a pedagogia cartesiana pode prejudicar a relação ética dos alunos em seu ambiente social.

No terceiro capítulo intitulado *Sobre a Querela dos Antigos e dos Modernos* faremos uma revisão da querela dos literatos Charles Perrault e Nicolas Boileau, um embate da renascença sobre qual período fora mais prolífico, os antigos ou os modernos. Nesse sentido, Vico e Descartes revivem essa querela, só que no âmbito pedagógico. O capítulo irá desenvolver ainda mais os argumentos sobre a pedagogia ideal entre os dois filósofos.

No último capítulo que é a conclusão de tudo que fora exposto nos capítulos anteriores, faremos a defesa de um Vico que, apesar de tecer várias críticas à pedagogia cartesiana, a sua posição se resulta no seu Humanismo.

O RATIO STUDIORUM

A educação moderna foi por muito tempo pautada pelo método de ensino dos jesuítas, o *Ratio Studiorum*, também conhecido como Plano de Estudos da Companhia de Jesus. Sua abrangência se expandiu conforme o colonialismo europeu tomou as mais diversas regiões do globo: Ásia, Oceania, África e América. Na Europa o *Ratio Studiorum* foi hegemônico, do século XVI até o início do século XIX. Os colégios dos jesuítas alicerçaram a educação brasileira. O seu sucesso se deu graças ao desejo de Santo Inácio de realizar uma renovação cristã que não focasse apenas na educação de internos, isto é, daqueles que se tornariam padres. Nessa nova escola, a pedagogia do que seria os primeiros rascunhos do *Ratio* foi primeiramente aplicada aos estudantes de Filosofia.

O primeiro colégio de grande porte a ter a pedagogia da Companhia se localizava em Paris, que logo se tornou uma referência no começo da estruturação do método, tendo o *modus parisiense* como modelo de ensino. A partir desse sucesso, vários outros colégios foram abertos, além de haver um aumento das aulas de gramática na grade desses colégios. Com essa adição, o plano de ensino também começou a se expandir, sendo que já estava incluso as matérias de retórica e do grego.

No ano seguinte [1549], já eram 214 [alunos], sem contar os cursos superiores de nível universitário. Num relatório enviado a Roma, forçando-se talvez o otimismo, dizia-se haver os pais averiguado que seus filhos, em poucos meses de novo colégio, tinham aprendido mais que antes, em vários anos. (FRANCA, 1952 p. 12)

O êxito inicial, impulsionou a abertura de escolas em outros países, atraindo uma grande quantidade de alunos. Além disso, em 1551 foi concluída a primeira parte do plano de estudos que foi redigido para ser enviado a Roma. Esse plano ficou conhecido como *De Studio Societatis Iesu*, “onde já se encara a organização completa dos estudos desde as classes de gramática até as faculdades superiores de caráter universitário.” (FRANCA, 1952 p. 13). O método, com seu currículo consolidado, foi aplicado e se tornou um sucesso em várias localidades. Um dos exemplos foi em Roma, onde Santo Inácio recebeu a incumbência de abrir um colégio que deveria se tornar um grande modelo. O que não demorou a acontecer, visto que Roma era o centro do catolicismo e já era uma grande referência mundial. Além disso, os grandes nomes da Ordem dos Jesuítas

residiam na cidade sagrada. Dessa forma, a referência do colégio não seria apenas por seu tamanho, mas a consolidação da Escola Normal Superior que formaria seus sucessores.

A obra bem-sucedida em Roma, atraiu grande número de matrículas e foi assim descrita por Leonel Franca (1952, p.14): “Antes do encerramento do primeiro ano os alunos já passavam de 300 e o colégio devia transferir-se para local mais amplo. Em 1553, aos cursos de humanidades e retórica acrescentavam-se às faculdades de filosofia e teologia”. Todo esse desenvolvimento e êxito iniciais podem ser relacionados também ao corpo docente que era escolhido com muita atenção. O que era levado em conta no processo da escolha era a competência, não importando a sua nacionalidade. Desse modo, vários nomes marcaram a história da Companhia, tais como: Belarmino e De Lugo, Suárez e Vásquez, entre outros nomes. Porém, um nome de grande importância na história do método foi o do Pe. Nadal. A ele foi confiado o cargo de Prefeito dos estudos no colégio de Roma. Isso se deu em razão de seu sucesso em transitar pela Europa levando as Constituições da Ordem. As suas viagens duraram de 1552 a 1557 sendo, desde aquela época, o homem de confiança de Santo Inácio. Como Prefeito, ele atuou de 1557 a 1559 e mais tarde foi promovido como Reitor. Nesse cargo, Nadal foi responsável por revisar o plano *De Studiis Societatis*, que tinha sido primeiramente redigido em Messina e escreveu o documento sobre a nova *Ordo Studiorum*. Assim que elaborou esse novo plano, ele logo o colocou em prática.

Pe. Nadal foi sucedido por Ledesma, que tinha sido incorporado ao corpo docente no ano de 1557 e ocupou o cargo de Prefeito de estudos. Sua participação foi de extrema importância para o Colégio, pois ao revisar o programa de estudos vigente, pôde contribuir com algumas mudanças. A ampliação “do programa de estudos em vigor no Colégio” (FRANCA, 1952, p. 15) foi um aspecto por ele trabalhado, que rendeu à elaboração do *De ratione et ordine Studiorum Collegii Romani*. Apesar de seu empenho e o desejo de que seu trabalho fosse aplicado nos colégios da Companhia, isso não pôde acontecer por conta de seu falecimento no ano de 1575. No entanto, sua contribuição foi levada em consideração na elaboração do que seria o *Ratio Studiorum* definitivo no ano de 1599.

Com todo esse clamor de expandir a Companhia pelos países na Europa, foram surgindo determinados problemas que necessitavam de atenção. A primeira questão a ser trabalhada foi como colégios situados em diferentes regiões e culturas funcionariam de forma semelhante. Já estava ocorrendo pequenas alterações no plano de estudo, que eram assimilações dessas diferenças regionais. Por essa razão, foi necessário que Comissários visitassem os colégios a fim de manter a

uniformidade. Um desses Comissários foi o Pe. Nadal com as suas viagens, como foi mencionado. Porém, isso não foi o bastante por que esse era um processo exaustivo para a Companhia. A quantidade de Comissários para realizar essas visitas poderia prejudicar o funcionamento do colégio de Roma. A solução então foi a elaboração de um Código de ensino que todos os colégios deveriam seguir e funcionaria como uma lei. Desse modo, pôde haver uma conformidade entre toda estrutura da Ordem.

Já existia de fato uma forma de organização chamada *Constituições*. Um documento que alinhava a organização didática da Ordem com seu espírito, que foi definida em 1552 e a parte específica que tratava desse alinhamento era a parte IV. Apesar de Santo Inácio ter elaborado o plano das *Constituições*, ele reconhecia uma necessidade de um código, como Franca (1952, p. 19) explica:

Mas pela sua própria natureza e pela vontade expressa por Inácio, as diretivas traçadas nas *Constituições* não eram, nem deviam substituir, um plano pormenorizado de estudos e um código prático de leis que facilitasse e uniformizasse a organização viva. É o próprio Inácio nas próprias *Constituições* que determina que se elabore um estatuto em que se trace, por miúdo, quanto se refere à ordem e ao método dos estudos nos colégios e faculdades.

Com isso traçado, o caminho para a elaboração do *Ratio Studiorum* definitivo já estava mais próximo, pois ele nada seria que um complemento do que já existia nas *Constituições*. E nada mais urgente que um documento que estabelecesse regras, que ditasse um modelo para seguir e evitar tentativas de modificações que já aconteciam em determinadas regiões.

Houve então a elaboração do *Ratio* em suas respectivas edições. A primeira que foi constituída em 1586, que esteve antes nas mãos de várias comissões até ser aprovada. Das comissões formadas, foi com a comissão de 1584 que houve um resultado de fato, sendo ela formado por seis membros da Ordem de diversas nacionalidades, que chegaram a um acordo. Foram várias reuniões e dias a fio em estudos e discussões que tanto esforço rendeu, mas que permitiu a elaboração de um documento definitivo em agosto de 1585. Assim estabelecido, o documento passou ainda por estudo crítico, estudado por professores do Colégio Romano para assim ser enviado para as Províncias. Além do *Ratio*, também foi enviado uma recomendação para cada província, para que fossem escolhidos e nomeados:

[...] pelo menos cinco padres abalizados no saber e na prudência para que, desembaraçados, estudassem a nova fórmula dos estudos, primeiro em particular, depois

em consultas e, por fim, redigissem livremente o seu parecer, a ser remetido para Roma dentro de cinco ou seis meses. (FRANCA, 1952, p. 22)

Essa primeira edição não era de caráter definitivo, dessa forma as províncias a partir da recomendação enviada, poderiam examinar a edição e tecer as suas críticas. Isso se deve ao fato de que o *Ratio* não seria naquele momento posto em prática, não sem antes ser avaliado pelas mais competentes autoridades das regiões. Assim feito, os relatórios foram analisados e dois pontos mais importantes foram destacados pelas críticas: imprecisão e prolixidade. Tais pontos estavam presentes nas questões pedagógicas, que haviam sido abordadas de forma demasiadamente longa. Além disso, o documento se perdia em tratados sobre quais eram os deveres dos professores e sobre o grego ser ensinado antes do latim. O ponto era que esses aspectos eram considerados defeitos, já que a intenção do documento era de orientar a melhor forma de organizar os colégios.

Para que a segunda edição do *Ratio Studiorum* de 1591 fosse realizada, foi necessária uma nova comissão que foi formada por professores do Colégio Romano. Dentre eles estavam os filósofos, teólogos e humanistas de renome como Belarmino, Suárez, Torsellini, entre outros nomes. Esse momento foi marcado pela busca por eliminar as partes que estavam sobrando e que tornavam o texto prolixo. Além disso, realizou-se o trabalho de deixar mais claras as normas necessárias para a ordem nos colégios:

A estrutura do trabalho sofrera mudanças radicais. Eliminaram-se as discussões e dissertações pedagógicas que justificavam os preceitos práticos. Codificou-se todo o sistema de estudos numa série de regras relativas aos administradores, professores e estudantes. (FRANCA, 1952, p.23)

Tudo que foi considerado defeituoso na primeira edição foi eliminado. Com essa modificação, foi transformado também o que seria o caráter do *Ratio*. Antes era algo para servir de análises por diversas autoridades, agora era um documento para ser colocado em prática, mesmo que por certo período. Dessa forma, além do *Ratio Studiorum*, novamente foi enviado um comunicado para as províncias com a ordem de o colocarem em execução. Assim foi durante três anos até que os resultados fossem enviados a Roma, o que culminou na elaboração final do documento de 1599. A edição definitiva foi enviada pela Companhia de Jesus como uma divulgação de uma lei a ser adotada.

Toda a trajetória da formulação do *Ratio Studiorum* foi de bastante estudo e empenho daqueles que estavam interessados em uma nova pedagogia cristã. O método foi resultado de um

processo longo, da experiência que resultou do trabalho de vários pedagogos em várias províncias, ao longo de meio século até sua consolidação e que por meio da elaboração de leis formalizou o que já estava sendo um grande sucesso. O *Ratio* deixou na história da educação cristã a marca de mais de duzentos anos de história, até ele sofrer um duro golpe por Clemente XIV em meados do séc. XVIII.

A história do *Ratio* não se limita apenas em como ele foi elaborado e por quem, mas que influências foram consideradas para inspirar o modelo pedagógico. Além disso, a Companhia tinha que ajustar suas influências com as necessidades de sua época. Como Franca (1952, p. 29) frisa:

Os primeiros jesuítas não desceram a campo, em matéria de educação, como revolucionários ou como inovadores. Não pretenderam romper com as tradições escolares vigentes nem mesmo trazer-lhes contribuições inéditas. Ajustaram-se as exigências mais sadias de sua época e procuraram satisfazer-lhes com a perfeição que lhes foi possível.

Portanto é seguro dizer que várias de suas influências foram consideradas, da mesma forma que foram descartadas para que fizesse sentido na pedagogia jesuítica. Deveria também fazer sentido ao objetivo de Santo Inácio e demais autoridades da Companhia, o que deveria ser mais próximo ao espírito da Ordem. Dessa forma, o modelo da Companhia foi constituído sob certas influências.

A primeira influência que podemos citar é a da Antiguidade Clássica, graças ao período da Renascença. Com ela ressurgiu na pedagogia os grandes nomes da filosofia que influenciaram os pedagogos da Renascença, tais como Aristóteles, Cícero, Plutarco e Sêneca. Mas o nome que sobressaia aos citados era Quintiliano:

Quintiliano encarna no século XVI a pedagogia romana. Com a sua moderação e bom senso, com longa experiência de vinte anos de magistério, com o seu conhecimento psicológico da criança e da arte de educá-la, exerceu sobre a posteridade uma verdadeira fascinação. (FRANCA, 1952, p 33)

O fascínio que Quintiliano exerceu sobre os pedagogos, principalmente os da escola humanista, deve-se ao fato da importância de sua obra *Instituições oratórias*. Dela surgiram as inspirações para as mentes mais brilhantes da pedagogia da época, os jesuítas. É fácil identificar a sua influência ao analisar o *Plano de Estudos da Companhia*. Podemos citar dentre os jesuítas influenciados por ele, Negronius que, em suas obras, cita-o por mais de duzentas vezes. Pode-se falar ainda de nomes como Ledesma, Manuel Álvarez e Cipriano de Soares, este último autor de

um livro utilizado pelo *Ratio* que se chama *De Arte Rhetorica*. Todos esses nomes foram inspirados por Quintiliano.

Enquanto as humanidades na educação jesuítica eram advindas das antiguidades, as matérias de filosofia e teologia conservavam a tradição da Idade Média. Foi na Universidade de Paris, por sua vez, que ocorreu uma renovação tomista por meio de Pedro Crockaert. Frei Pedro, como ficou conhecido, tinha vocação para a docência e foi por meio de suas aulas para um grupo seleto de discípulos que muito do que Santo Tomás ensinava pode ser transmitido. Além disso, no convento dominicano onde o Frei residiu por muitos anos, surgiram vários outros teólogos tomistas. Assim sendo, Pedro passou seu entusiasmo e admiração por Santo Tomás a um discípulo de Paris, a semente do conhecimento plantada por ele gerou vários outros nomes, dando início, assim, à tradição tomista na Universidade de Paris.

Orientou-se assim uma nova Ordem, desde o seu nascer, para a mais sólida e profunda sistematização escolástica da filosofia. A Companhia de Jesus foi, depois da Ordem dominicana, a primeira família religiosa que escolheu a Santo Tomás para seu Doutor próprio. (FRANCA, 1952, p. 35)

Sendo agora o Santo patrono da Companhia, foi adotado a *Suma Teológica* como o livro base das aulas de teologia. Dessa forma, uniu-se o melhor do que cada época poderia oferecer na pedagogia dos jesuítas, o humanismo cristão da renascença com a teologia da Idade Média.

Em se tratando da formação humanista da Companhia de Jesus, o objetivo central buscado por eles era que os alunos formassem na eloquência do latim. Isso porque a língua era o símbolo da civilização europeia, a constituição de uma cultura superior. As línguas clássicas eram devidamente priorizadas, pois a contribuição das grandes mentes dos antigos era visto como o grande ideal da natureza racional, sendo assim, o grande ideal humanista. A formação do homem deveria ser para elevar o máximo potencial em se tratando da educação dentro da sociedade, tornando-o aquele que seria considerado por todos como educado, acessível, amável e admirado:

Tornar mais homem: eis o alvo em que mirava todo o trabalho educativo. A utilidade instrumental do latim era um subproduto do currículo; a formação do homem pelo desenvolvimento harmonioso de suas faculdades, o seu objetivo primordial. (FRANCA, 1952, p. 77)

A linguagem é o instrumento que poderia acessar o espírito do aluno, que se exercita em prol da habilidade no pensar, no agir, no raciocinar, no de nutrir sua mente com as melhores ideias.

Mas não eram apenas as línguas que caracterizavam a formação humanista. Podemos dizer que os modos como se ensinavam as línguas tem um papel importante e esses modos são caracterizados por um ensino científico e um ensino artístico. Sendo o modo científico aquele que analisa os textos de forma mais objetiva, que destrincha cada um dos seus pormenores. Enquanto isso, o modo artístico é aquele modo mais vital e orgânico, é sintético. É como aproveitar a harmonia daquilo que se encontra para ser admirado e contemplado. Na medida em que a ciência é algo mais impessoal e do âmbito da abstração, ao tratar de algo sobre a antiguidade, a posição da ciência será de dar mais atenção a informações mais precisas em termos históricos e geográficos. O modo artístico, por sua vez, busca o contato com o espírito criador daquela obra. Franca (1952, p 78) dá como o exemplo os grandes clássicos como a *Iliada* e *Odisséia*, que são, acima de tudo, a expressão máxima do que o espírito humano pôde produzir. Para Franca (1952, p. 78):

Na concepção do *Ratio*, o curso secundário deve ser essencialmente humanista, pendente mais para a arte do que para a ciência. Sua finalidade não é transformar os adolescentes em pequenas enciclopédias que depois de alguns anos já precisam ser reeditadas.

Portanto, o que foi pensando para a formação humanista consistia em capacitar os jovens para que fossem capazes de se expressarem da forma mais bela e exata, que eram valores caríssimos para a Companhia. Claro que nesses dois séculos desde os primeiros passos da pedagogia jesuítica até sua supressão, passaram pelas suas províncias os maiores nomes da filosofia. Aquele que nos interessa saber aqui foi o filósofo italiano Giambattista Vico (1668 – 1744).

Vico passou sua infância e adolescência estudando pela Companhia de Jesus, embora sua história com a Companhia seja atribulada e cheia de idas e vindas. Portanto é seguro dizer que Vico, com sua experiência pessoal, teve a capacidade de tecer críticas bem contundentes ao modelo por eles aplicado. Foi na sua autobiografia intitulada *Vita di Giambattista Vico scrittada se medesimo* (1725) que ele deixou exposto como foi sua formação intelectual. Não apenas isso, como ele mostra que foi sua vida escolar logo depois de sofrer uma queda que o impossibilitou de ir para a escola por três anos. Apesar de impossibilitada sua convivência com o mundo escolar, isso não o impediu que estudasse em casa e se tornasse um autodidata. Nesses relatos, Vico ainda reflete, depois de mais velho, sobre como seu acidente é como a vida da criança que deixa seu lar para ir ao mundo escolar. “[...] a insegurança e a angústia que muitas vezes ocorrem quando uma criança deixa de conviver com o meio familiar para frequentar outro meio social” (GUIDO, 2004, p. 22). Essas são reflexões que não estão apenas em sua autobiografia, mas aparecem também em

seus textos de filosofia. Na sua grande obra *Ciência Nova* (1744), por exemplo, ele considera que seu acidente quando criança não era um fato triste, mas um fato importante que teria mudado sua vida. Pois, passado os três anos de longa recuperação e estudos em casa, Giambattista chegou à conclusão que nenhum revés poderia ser ruim como o de viver uma vida sem refletir nada sobre ela.

Ao se recuperar e retornar à convivência escolar, Vico passou por outros problemas que o influenciaria a deixar a Ordem. O que ele relata é que havia certa rivalidade com outros alunos, rivalidade que cresceu por ele ser considerado bastante inteligente e astuto pelos professores. O colégio que ele frequentara era o dos padres jesuítas de Nápoles. Seus professores o colocaram em disputa contra três outros alunos. O resultado foi que com o primeiro ele teve sucesso, já com o segundo não chegou a disputar. O terceiro, apesar de ter perdido para Vico, tinha uma influência na Companhia que o levou a ser aprovado direto para primeira escola. O segundo que nem o tinha enfrentado também teve a mesma aprovação, isso significava que eles estariam se preparando para entrar no curso de Filosofia sem terem o devido merecimento. Esse fato o deixou decepcionado e, por isso, ele resolveu deixar a escola jesuíta. Vico passou a estudar sozinho por meio da leitura do *Institutiones grammaticae* do jesuíta Emanuel Alvarez. O texto por ele estudado fazia parte do currículo do segundo semestre do ano que ele abandonou. Mas na sua juventude ao aprofundar-se aos estudos da lógica, ele dedicou-se também aos estudos da filosofia e do Direito, que ao terminar o curso decidiu seguir a carreira no magistério.

Por tudo que Vico passou algo que marcou sua vida foi um inconformismo com o ensino das escolas da época:

Para Vico, seria mais proveitoso se as crianças e os adolescentes fossem exercitados com a geometria, a história, a poesia e a retórica. Essas foram as deficiências que o velho Vico identificou no ensino que ele recebeu e que, por vezes, o impeliu a abandonar a escola. (GUIDO, 2004, p. 26)

Para deixar sistematizadas suas críticas em relação à educação das crianças e dos jovens, ele escreveu sete orações inaugurais que abordavam o tema. As orações inaugurais eram lidas no início do semestre do curso de Retórica em que ele dava aula. Porém, a oração que aborda de forma mais direta a educação do *Ratio Studiorum* com as críticas também a educação moderna, está na sétima oração intitulada *De Nostri Temporis Studiorum Ratione* (1709), traduzido como: *Sobre o Método dos Estudos do Nosso Tempo*.

Nessa oração temos um Vico que não abandona a sua tradição humanista, mas que investiga qual educação seria a ideal para crianças e adolescentes. Ela consiste no fato de que ele compara a educação do *Ratio Studiorum* com a educação moderna, que tinha como base a pedagogia cartesiana. O filósofo deixa claro o seu objetivo no *De ratione*:

Qual dos dois métodos de estudo é mais correto e melhor, o nosso ou dos antigos? Ao longo desta dissertação confrontaremos, a título de exemplo, as vantagens e desvantagens entre ambos: e que inconvenientes nossos podem ser evitados e de que forma: e com que inconvenientes dos antigos compensam aqueles que, ao mudar, não podem ser evitados. (VICO, 1998, p 405)

Portanto, o filósofo fará o confronto dos dois métodos: o método pedagógico dos jesuítas com suas qualidades e defeitos e o método pedagógico cartesiano da mesma forma. Giambattista Vico, ao realizar esse confronto, traz novamente uma questão que foi amplamente discutida na Renascença, que foi a questão da querela dos antigos e dos modernos. Mas, se entendemos a importância do *Ratio* e a tradição humanista da Companhia de Jesus, devemos agora entender quais são as bases da pedagogia cartesiana, para assim podermos entender os pontos de vista do filósofo. Isso nos possibilitará também chegar a uma conclusão sobre a posição de Vico nesse confronto, se ele assume uma postura anticartesiana ou se ele tem uma posição conciliadora entre os dois métodos.

A PEDAGOGIA CARTESIANA

Giambattista Vico teceu críticas à pedagogia dos modernos, que era conhecida por ter os métodos inovadores da época. Ele falava dos manuais de *Port-Royal*, a *Lógica* e a *Gramática*. O filósofo considerava que esses manuais estavam distantes da vida prática do aluno. Além disso, o filósofo considerava que o homem tinha uma atitude arrogante perante as descobertas por eles realizadas. Isso deu a certeza a eles que não havia mais a necessidade dos estudos das humanidades. A posição adotada pelos cartesianos era a de adotar um modelo absolutista da ciência, no qual nada de individual ou singular tinha valor para estudos.

Foi no *De ratione* que Vico aprofundou seu ponto de vista sobre esse método que ele se referia como a crítica. A crítica era o instrumento para julgar a verdade, ou seja, era o *Cogito* de Descartes. Por ela poderíamos acessar a verdade das ciências e das artes e ela seria aquilo que nos traria a certeza enquanto nos afastaria do duvidoso. Como Vico deixa claro no *De ratione* (1998, p. 407):

E, em primeiro lugar, no que concerne dos instrumentos das ciências, hoje começamos os estudos pela crítica: da qual, para expurgar sua verdade primeira, não somente de todo o falso, mas inclui a suspeita do falso, prescreve-se que expulse da mente as segundas verdades e do verossímil como se fossem falsos.

Desse modo, entendemos que a crítica era a postura de rejeitar o falso, não somente isso, mas também rejeitar o que poderia nos trazer dúvidas por meio da verossimilhança. O que o filósofo julgava em relação à crítica era de que ela poderia trazer inconvenientes para a educação de crianças e adolescentes. Na sua concepção, o senso comum, ou seja, o conhecimento que a cultura e seu meio podem oferecer é importantíssimo na construção de uma boa educação. De um lado, a crítica não iria analisar o conhecimento do senso comum, pois já em um primeiro momento, era eliminada a possibilidade por não poder determinar algo verdadeiro daquilo. Mas, para Vico, o senso comum poderia possuir algum valor de verdade, pois o verossímil que se encontra no senso comum, é um termo médio entre o verdadeiro e o falso. Para ele, o senso comum raramente teria algo de falso. Portanto, a educação, levando em consideração o verossímil, era importante para que o aluno fosse bem formado na eloquência, algo que era muito valorizado na educação humanista e pelo filósofo.

Como a crítica era considerada um instrumento, os modernos utilizaram-na para aplicar outros instrumentos de pesquisa do modo que eles achassem melhor. Por exemplo, a geometria e

seu método eram usados como uma forma de dominar os raciocínios. Enquanto isso, a análise servia para ter controle do domínio das ideias, partindo da suposição de que tudo poderia ser simplificado. Sobre a geometria, é interessante dizer que tanto Giambattista Vico quanto René Descartes consideravam-na como uma matéria por excelência, embora por motivos diferentes:

Descartes encontra nos juízos da geometria um exemplo de clareza e distinção, próximo ao exigido por seu método; entretanto Vico explica a possibilidade desta ciência dizendo que a origem de seus princípios se encontra na mente humana. (DAMIANI, 1993. p. 56)

Portanto, tanto a geometria quanto a análise eram utilizados sob o crivo da crítica. Podemos compreender melhor em como esses instrumentos eram utilizados quando conhecemos melhor a epistemologia cartesiana, como Vladimir Santos (2003, p. 1279) explica sobre:

A epistemologia cartesiana englobava, portanto, a análise, o método geométrico e a moderna crítica, e ganhou a denominação de método cartesiano, cuja aplicação no ensino poderia ser chamada de método moderno de estudos, segundo os termos de Vico.

A geometria bem como a aritmética são muito estimadas por Descartes, pois ele as considerava como o modelo de todas as ciências possíveis. Dentre os modelos, a matemática tem um lugar de destaque, por trazer a verdade de forma clara e distinta, segundo ele. Para Descartes, a matemática produz evidências que a própria história já mostrou como exemplo de juízo que a filosofia deveria buscar. “Quem busca a verdade devem tratar como objetos que se apresentem com a mesma certeza da demonstração da matemática.” (DAMIANI, 1993, p.54). Isso era imprescindível, visto que, com esses modelos poderíamos chegar a conclusões puras, sem precisar nos valer de qualquer aspecto empírico. Isso mostra como o racionalismo ganha força na Modernidade e possui tensões com o empirismo. A questão máxima do cartesianismo era a exclusão de qualquer coisa que nos trouxesse dúvida, e os sentidos podem muitas vezes nos levar ao engano.

Mas na concepção de Vico, a geometria é um instrumento de análise algébrico e um instrumento para o estudo da nova física. O filósofo faz essa distinção para demonstrar que se os instrumentos das ciências são métodos de estudos da Modernidade para os cartesianos, que são a base para chegar à verdade, esses mesmos instrumentos para Vico terão papel diferente. De acordo com Vico, os aspectos presentes em todas as disciplinas são divididos da seguinte forma: o fim, os meios auxiliares e os instrumentos. O fim está presente em todo processo de conhecimento, é o que

deve seguir o método de estudos. Os meios auxiliares são os que acompanham os instrumentos. E os instrumentos são os produtos que derivam da ciência como a arte, o telescópio ou até mesmo a geometria. Aqui o filósofo mostra a problemática do uso da geometria pelos físicos, que conseqüentemente é uma crítica ao racionalismo. No capítulo IV no *De ratione*, Vico argumenta sobre os inconvenientes da geometria como instrumento da nova física. Ele faz a seguinte comparação:

E assim, os demais modernos físicos parecem assemelhar-se àqueles a quem os tenham sido deixados de herança por seus pais, umas mansões onde nada se tenha falta para sua magnificência e utilidade, de modo que tão somente os restam mudar de lugar o amplo enxoval ou decorá-las com alguma obra insignificante segundo a moda do momento. (VICO, 1998, p. 410)

Isso porque da geometria, nada poderia ser negado, o raciocínio considera a sua integridade total. Porque se algum de seus raciocínios for abalado todo o seu fundamento estará comprometido. E, ao aplicar o raciocínio geométrico na física, um erro em seus axiomas poderia resultar no erro completo em sua ciência e ela poderia ser refutada. Tais físicos consideram apenas uma parte da geometria, que são seus métodos, mas não consideram suas demonstrações. E o que eles idealizavam no seu método era poder deixar de fazer a observação da natureza para poder explicar qualquer fenômeno por meio dela. Isso era visto como algo que fazia bastante sentido. Para Vico, esses físicos entendiam que a natureza estaria presente na teoria e, se qualquer pessoa quiser fazer a observação da natureza, ela poderia encontrar nas teorias da física o que busca. Esse problema ocorre em decorrência da física moderna idealizada por Descartes que buscava a verdade indubitável no que nomeava como *Mathesis Universalis*. Essa é uma posição diferente de outros físicos experimentais como Galileu e Bacon. Para o filósofo, essa busca de uma grande verdade somente Deus poderia acessá-la, que segundo ele “é o único caminho e verdade” (VICO, 1998, p. 411). Pela mente humana ser finita e limitada diante do conhecimento do mundo, o homem só pode refletir sobre as coisas existentes no mundo. Mas jamais poderia entendê-las por completo

Podemos compreender então a grande questão que Vico nutre contra a pedagogia cartesiana. Os cartesianos são obcecados pela ideia matematizante do mundo, ou seja, as verdades que podemos extrair do mundo com a exatidão da matemática. Isso para eles se aplicaria também à filosofia. Eis o grande erro, pois o filósofo considera que os cartesianos deixam de lado os grandes feitos da humanidade e sua construção em sociedade. Para o filósofo napolitano, o que devemos procurar nas ciências são suas hipóteses e não uma busca pela verdade, assim podendo resolver os

problemas que os homens podem enfrentar na sociedade. Ademais, o cartesianismo não ganhou espaço da noite para o dia. Houve um contexto social que favoreceu a implementação desse método na educação. Santos chama atenção para este aspecto (2003, p. 1291): “As exigências da economia mercantil em expansão e a necessidade de domínio técnico da natureza conduziram à absolutização da matemática como o único ramo do saber em que podia confiar.”

O contexto social era favorável a eles, sem contar que a época considerava as ciências naturais mais fáceis de aprender do que as humanidades. Por esse motivo, a pedagogia cartesiana atacava as disciplinas das humanidades e seus métodos. Ou seja, a deficiência que a pedagogia moderna nutria seria, em primeiro lugar, era também uma questão científica. O filósofo napolitano considerava a capacidade criativa do homem como essencial na inventividade científica que ele chamava de engenho. Em segundo lugar, o método carecia de trabalho ético que a educação deveria tratar não só dos produtos que dela derivam, mas da nossa interação e o agir em sociedade:

O *cogito* cartesiano não é eficaz para a investigação social, porque não considera a efetividade da vida prática, operando a distinção somente sobre duas situações admissíveis: a verdade ou a falsidade. A realidade social é muito rica, ela possui um feixe ilimitado de circunstâncias que jamais poderão ser classificadas como imediatamente verdadeiras ou definitivamente falsas. (GUIDO, 2004, p. 55)

Por essa complexidade o método cartesiano não considerava implementar o seu estudo. Questões sobre política, direito e sabedoria prática não eram considerados ao montar suas disciplinas por não terem respostas consideradas verdadeiras. Era um caminho cinza que os cartesianos preferiram não aplicar em seus estudos. Esse era o campo do senso comum e da verossimilhança.

Por conta de esse método tratar o verossímil como falso, a tópica teria se distanciado da educação. Isso era motivo de desagrado para o filósofo. Pois a tópica, para Vico, era essencial para que o aluno formasse na eloquência, no processo da oratória e, por esse motivo, ela deveria preceder a crítica. O filósofo argumenta que ela deve anteceder o juízo que fazemos sobre a verdade. “[...] e a crítica é a arte da oração verdadeira, mas a tópica é da oração abundante” (VICO, 1998, p. 408) Ao chegar a um momento que é necessário ser persuasivo vai ser a tópica que o aluno irá, a princípio, acessar. Além disso, a grande questão que o filósofo dirige aos cartesianos que acreditam existir verdades absolutas, é sobre como eles podem garantir já ter visto de tudo. Essa questão será importante para a defesa da tópica e seu uso.

Outro argumento bastante sólido de Vico para a defesa da tópica seria que crianças e adolescentes ainda se encontram no campo das fantasias e memória. Que antes de o aluno dominar esse campo, introduzir estudos de lógica e razão seria uma forma de violentar a natureza desses alunos. Para ele, assuntos que concernem à crítica deveriam ser trabalhados na velhice. Assim sendo importante o cultivo da fantasia na tenra infância e adolescência e outras disciplinas como arte, oratória e jurisprudência. O filósofo elogia os antigos por terem essa preocupação, pois eles ensinavam a geometria que corresponderia à lógica. Mas, nesse caso, eles faziam o bom uso dessa disciplina, pois ela instigava o trabalho com a configuração de imagens. Como Santos (2003, p.1080) frisa a respeito do pensamento de Vico em relação sobre qual a melhor maneira de ensinar os jovens: “Não violentar a natureza da mente dos jovens, que é altamente ligada ao sensível e ao concreto, e deixar que eles se habituem à razão segundo a índole de sua idade, esta é uma das diretrizes da pedagogia de Vico.”

Outra grande desvantagem que o filósofo expôs foi sobre uma questão ética. Por esse motivo, ele fazia uma defesa do senso comum. A educação do senso comum afastaria o aluno de cometer atitudes arrogantes na vida adulta. Ele vincula essa atitude negativa ao fato de a adoção dos métodos dos modernos ser aplicada cedo demais. Dessa forma, ele mostra como a verossimilhança deve ser levada em conta na educação, pois ela se deriva do senso comum:

O verossímil só pode ser entendido na perspectiva do agir social, da ação coletiva dos sujeitos, e não quando se considera unicamente um indivíduo recolhido sobre si mesmo, tal como o solipsismo cartesiano. (GUIDO, 2004, p. 40)

O filósofo napolitano considerava que a cultura e comunidade podem contribuir diretamente para a educação, visto que a necessidade de uma sociedade fará surgir novas questões para serem sanadas pela ciência e pela educação. Além disso, essas necessidades são questões próprias da humanidade, possuindo um caráter histórico. Essa necessidade faz, assim, as engrenagens do desenvolvimento histórico se movimentar e realizar mudanças. Além disso, não há aquele que fica por fora disso, ou seja, um indivíduo que esteja fora dessa história. Todo indivíduo está presente na sua sociedade e na sua cultura, nunca sendo um ser isolado. Ele é um agente ativo e para que essa mudança ocorra, portanto, não é possível uma educação de qualidade se ela desconsidera essas relações de comunidade e indivíduo. Essa é a construção ética que Vico chama a atenção quando ele falava sobre a desvantagem da pedagogia cartesiana ao deixar questões éticas de lado. Como explica Santos (2003, p. 1283):

Com base nisso, o fim último dos estudos deveria conduzir também a prudência civil e não mais apenas a verdade, ou seja, os estudos não deveriam, ter somente um compromisso epistemológico, mas também e acima de tudo um compromisso ético.

Assim, conseqüentemente, o jovem seria educado na eloquência e prudência que evitariam que ele cometesse atitudes arrogantes. Com essa educação, o indivíduo se formaria na prudência. Quanto à prudência, entenderemos melhor ela quando discutirmos o que significa o humanismo em Vico.

SOBRE A QUERELA DOS ANTIGOS E DOS MODERNOS

No período da Renascença, houve um grande acontecimento no mundo intelectual francês. Esse acontecimento que ficou conhecido como a ‘querela dos antigos e dos modernos’, se iniciou por meio da leitura do poema de Charles Perrault intitulado como *O século de Luís, o grande*. O poema foi dedicado à saúde e à vida longa do Rei Sol, mas o que causou desagrado não foi sobre o que o poema tratava, mas sim como ele foi escrito. A obra que exaltava a tecnologia e as grandes mentes por trás da construção da Modernidade, fazia comparações com as grandes mentes dos antigos, mas não de forma amigável. Para alguns presentes no local, principalmente Nicolas Boileau, o poema soava como um insulto aos antigos.

Só que Perrault estava bastante exaltado de satisfação pelo sucesso de uma cirurgia fistular que levou Luís XIV à cura. O rei sofria com muitas dores o que o levou a ficar acamado por um bom tempo. Era algo novo e como foi uma cirurgia bem sucedida, Perrault resolveu, então, para comemorar, compor esse poema. A medicina e vários outros campos da ciência estavam em franco desenvolvimento, a Modernidade caminhava a passos largos e, para alguns, ela se afastava da tradição dos antigos. Foi no meio dessa expansão do modernismo que se encontrava Descartes como uma referência moderna: “O filósofo francês e sua escola antepuseram à pesquisa da verdade o tema do erro, espaço onde protagonizaram a explícita oposição aos hábitos livrescos da cultura da época.” (SILVA NETO, 2014, p. 96)

Descartes, como já mencionado, não era adepto dos autores clássicos, pois na sua concepção o estudo desses autores não agregava nas disciplinas que ele considerava essenciais. A pedagogia cartesiana valorizava as ciências naturais, aquelas que utilizam mais o raciocínio lógico e que seriam suficientes para que o homem buscasse a sabedoria. Esse raciocínio seria mais efetivo do que buscar em obras antigas o exercício do que ele considerava coisas “menos nobres, como a memória e a imaginação” (SILVA NETO, 2014, p.96). Diferente dele, Giambattista Vico se ocupa com as *studia humanitatis*, ou seja, os estudos humanísticos e defendia o valor dos antigos na formação moral e ética do indivíduo. Podemos dizer que, ao realizar a defesa dos antigos, Vico ressurgiu com a querela dos antigos e dos modernos.

Na querela dos literatos, Perrault questiona a grandiosidade dos antigos, se realmente eram grandes ou se o apreço por eles era resultado do costume de tanto os chamarem dessa forma. Citando grandes poetas como Virgílio e Ovídio, ele questiona a fama que eles tiveram somente

depois de mortos. Dando a entender que há grandes nomes na Modernidade que já foram reconhecidos em vida, Perrault usava bastante da ironia e de comparações para atacar, de forma bastante eloquente, os grandes nomes dos antigos. Suas críticas não ficavam apenas no ramo literário ou medicinal, a pintura também despontava em seu favoritismo dos modernos em detrimento dos antigos. Para ele, os artistas construía suas obras de arte por meio da precisão e da perfeição unidas a uma bela composição. Essa sua exaltação aos modernos era também uma defesa do que René Descartes propunha para a educação moderna.

Assim como na querela dos literatos, a querela que Vico inicia ao criticar a pedagogia cartesiana inclui também a defesa da poesia dos antigos. Não só a defesa, mas a forma como ela é construída pode reforçar a necessidade do uso da memória e da imaginação das crianças e adolescentes. Além disso, a poesia estaria no campo da verossimilhança, o que também reforçaria a opinião do filósofo napolitano sobre o verossímil dar acesso à verdade:

E não sou da opinião de que os poetas se deleitam principalmente com o falso; e mais, me atrevera a afirmar que seguem a verdade por princípio, do mesmo modo que os filósofos. Pois o poeta ensina deleitando o que severamente é filosófico: ambos mostram os deveres, ambos descrevem os costumes humanos, ambos incitam a virtude e apartam os vícios [...] (VICO, 1998, p. 419)

Vico faz essa relação da poesia com a filosofia que mesmo sendo, a princípio produções com objetivos diferentes, aqui ele defende que podem sim terem o mesmo fim. Eram os poemas homéricos que, por meio da memorização e seu caráter coletivo, dentro da sua comunidade, tinham o objetivo de educar o indivíduo na moral e na ética. O resultado disso era tornar o indivíduo capaz de viver na *pólis* como um bom cidadão helênico.

Mas, diferente da querela iniciada por Vico, que nascera um século depois de Descartes, Perrault e Boileau eram contemporâneos e isso significava uma troca de comentários sobre aquele momento em que o poema sobre o Rei Sol foi declamado. Foi justamente sobre Homero que nasceu uma troca de críticas entre os dois. Um grande debate que ficou marcado na história “[...] um debate tão acalorado e tão rico de matizes que se poderia dizer que o terreno principal onde se enfrentaram antigos e modernos foi naquele concernente ao estatuto da poesia homérica.” (SILVA NETO, 2004, p. 100). Perrault, apesar de reconhecer a importância de Homero, aponta vários defeitos em suas obras que, segundo ele, seriam motivo suficiente para que a sua grandeza fosse questionada.

Esse tipo de questionamento surge pela herança de Descartes sobre a busca de clareza e distinção. Não devemos deixar de lado que, na pedagogia cartesiana, era buscado uma *Mathesis Universalis*. Isso significa que a matemática era o grande modelo da busca da verdade indubitável. Isso valia também para a linguagem da modernidade. A utilização de uma linguagem rebuscada não era levada em consideração, enfatizava-se que era necessário ser preciso no que pretendia dizer e era valorizada a língua francesa. Por esse motivo, Perrault achava a leitura de Homero fatigável, que se perdia em digressões desnecessárias que provocava cansaço no leitor, impossibilitando a compreensão do seu texto. O escritor fazia outras comparações concernentes à linguagem ornamentada de Homero, como Silva Neto (2004, p. 101) explica:

Perrault oferece uma curiosa imagem: a dos vestidos ornados com longas caudas. Assim como uma princesa dá sinais de nobreza e magnificência ao arrastar sua vestimenta pelo chão portando uma longa cauda, a poesia reflete a grandeza e sublimidade quando suas comparações têm ornamento e pompa.

Essa sua comparação tem um sentido para ele, o vestido assim como a poesia precisam ter uma harmonia para seus elementos fazerem sentido. Com relação ao vestido, as suas composições precisam ser corretas, como o tipo de tom e cor do tecido ou a pedraria que se encontra nele. Essas peças precisam conversar entre si e o mesmo vale para a poesia. No caso da poesia Homérica, ele considera que essa harmonia é inexistente. Toda essa crítica à poesia dos antigos é refletida na educação cartesiana e sua busca pela precisão e pureza, além da análise que busca a simplicidade das coisas.

Vendo essas críticas, Boileau não ficou parado diante de tantas exposições do poeta contra os antigos. Ele tinha a noção do quanto a cultura da simplificação era prejudicial. Além disso, ele compreendia a grande importância dos poetas antigos para a construção de uma sociedade que, ao chegar à era moderna, esqueceu-se em que bases ela fora construída. O que Boileau identificava naquela sociedade era algo que Vico falava sobre as inconveniências de uma educação baseada na crítica.

O filósofo napolitano na sua querela com Descartes apontava que a exclusão do conhecimento do senso comum e o fato da educação se distanciar em demasia da sua comunidade, poderia levar o indivíduo à arrogância. O aspecto ético ficava em defasagem, algo que René Descartes desconsiderou em sua pedagogia. Essa era a arrogância agora observada por Boileau em uma sociedade que fazia chacota dos antigos e sua sabedoria. Foi essa arrogância que não deixou

Perrault identificar as suas dificuldades ao interpretar a obra de Homero, que ele acabou considerando erros do poeta. Boileau explica que o erro de Perrault foi, primeiramente, não considerar a habilidade dos antigos na arte da retórica. Arte que os antigos dominavam com primazia, além da habilidade na eloquência que eram habilidades necessárias na sociedade dos poetas homéricos. Novamente é Silva Neto (2004, p. 103) quem nos elucida:

[...] os antigos foram mestres em Retórica e Eloquência por que precisavam disso para solver os conflitos sociais e apaziguar os humores, mas com o desaparecimento daquela necessidade política na França unificada sob a monarquia do Rei Sol desapareceria também a própria arte retórica.

Sem a necessidade de aprender o valor da retórica e da eloquência, não poderia Perrault entender o quanto era valioso essa arte, sem contar a sua necessidade prática na sociedade. Então, o que Perrault acusa de ser imperfeições na arte poética de Homero, para Boileau, eram domínios que ele não acessara.

Dentre tantas críticas que Perrault teceu aos poetas gregos e que Boileau identificou como críticas equivocadas a certos trechos que, com um verdadeiro conhecimento do grego, deixariam de fazer sentido. Perrault identifica erros de geografia cometidos na obra *Odisseia* que na verdade eram devidos à interpretação equivocada do leitor. Esse erro de interpretação se repete e Boileau aponta que o erro não está no poeta que escreveu a obra, mas em Charles Perrault não ter conhecimento do grego. Por isso, Perrault faz leituras equivocadas que não existiriam se ele tivesse domínio da língua. Há também outro erro que ele comete por uma falta de conhecimento quando ele aponta um trecho que cita, no poema, a chegada de um fundidor para realizar determinado trabalho. Perrault questiona a necessidade deste personagem no poema sem saber quais artes realizadas na época necessitavam deste fundidor. Todos esses erros se davam porque, na falta de um conhecimento do grego, ele deixava de interpretar os textos originais para ler traduções.

Dessa forma, Boileau não deixa de criticar de forma dura aquele que se considerava um grande poeta: “o Senhor Perrault não sabe nada de grego, entende mediocrementemente de latim e não conhece de forma alguma das artes”¹ Todas essas faltas que ele encontra no poeta podem ser devido ao fato de que a sociedade moderna da época foi desenvolvida para não considerar esses conhecimentos nos estudos desde a tenra infância.

¹ Citação da citação de BOILEAU. *Réflexions critiques sur quelques passages de Longin*, p. 192. Presente no texto sobre Estopim de uma querela: Charles Perrault de Sertório de Amorim

Para Giambattista Vico, o estudo das línguas clássicas era importante para conhecer verdadeiramente os antigos. Essa educação se deriva da educação da Companhia de Jesus com o método do *Ratio Studiorum*. Podemos notar, então, que muito da querela dos antigos e dos modernos protagonizados por Charles Perrault de Nicolas Boileau, tem semelhança com a querela que Vico irá travar com René Descartes. As críticas e defesa dos antigos e dos modernos podem ter aspectos que apareciam nas discussões entre os literatos. Entre esses aspectos estão tanto a questão da arrogância pela falta de uma educação que abarca o conhecimento do senso comum quanto a questão da necessidade de compreender o valor da eloquência e retórica para a formação de um indivíduo que entende em que bases as suas sociedades foi criada. A partir disso, Giambattista buscava trabalhar qual dos métodos de estudos entre antigos e modernos era o mais correto.

CONCLUSÃO

O humanismo de Giambattista Vico é baseado tanto em aspectos positivos dos antigos, quanto em aspectos positivos da Modernidade. Nesse caso, o filósofo no *De ratione* assume uma postura conciliadora entre os dois métodos, o método do *Ratio Studiorum* e o método pedagógico cartesiano. Tendo o filósofo napolitano contato com a educação do *Ratio* desde muito cedo pela Companhia de Jesus e um pouco menos de experiência no racionalismo, pode parecer que sua posição é totalmente crítica ao método cartesiano. Seria natural, então, pensar que a resposta para a pergunta que norteou sua obra *De ratione*, teria como resposta que o método pedagógico dos antigos seria melhor.

Mas podemos analisar que ele teceu críticas tanto ao método da Companhia quanto ao cartesianismo. Sobre sua posição anticartesiana, podemos considerar o seguinte pensamento:

Analisando atentamente a evolução do pensamento de Vico, fica patente a sua filiação à filosofia racionalista, juntamente com sua crítica contundente aos horizontes estreitos do naturalismo científico dos cartesianos, que deixaram de fora os estudos morais, sem os quais o edifício do saber jamais estará completo. (GUIDO, 2004, p. 51)

A passagem demonstra que as críticas realizadas por Vico aos racionalistas e conseqüentemente ao método cartesiano, é de não adotar uma postura contra a sua existência. Ele contribui apontando os erros e as soluções e isso está claro em suas críticas. Para ele, nenhum método por si só é capaz de desenvolver o aluno plenamente, pois ele identificava os respectivos defeitos de cada método. Os jesuítas possuíam métodos muito formais e que não exercitavam os alunos para a vida prática. Da mesma forma, os cartesianos não formavam o indivíduo fomentando sua memória e imaginação, que como prejuízo os alunos também não estariam prontos para a vida prática.

Com esses erros identificados, não podemos afirmar que Vico tinha maior preferência de um método em relação ao outro. Mesmo que as críticas para um lado sejam maiores que para o outro, podemos concluir que, ao examinar qual seria o método melhor para qualquer indivíduo entre um ou outro, sua resposta seria o balanço entre os dois métodos. Esse seria o humanismo em Vico. Como Santos (2003, p. 1287) também afirma:

O escopo do programa educacional de Vico consiste em que os jovens se tornem verdadeiros nas ciências, solertes na prudência, fecundos na eloquência, ricos de fantasia na poesia e na pintura, e de memória na jurisprudência, de tal modo que possam prevenir-se contra a temeridade de se discutir sobre o que não se conhece completamente e contra a ortodoxia daqueles que consideram verdadeiro somente o que é ensinado por uma autoridade.

O resultado dessa educação completa descrita acima é o que Giambattista Vico chama de indivíduo prudente. A prudência é resultado de uma educação que contempla todos os escopos possíveis, respeitando a idade em que cada área deve ser contemplada. Primeiro, é preciso respeitar e considerar a memória e a imaginação fecunda da criança, para que ela seja capaz de se formar na eloquência. Podendo, assim, mais tarde ser inserida nos estudos das ciências que com a engenhosidade poder tirar o melhor proveito dela. Seria preciso ser educado no interior da comunidade em torno do senso comum para que a arrogância não assole os comportamentos do aluno. O indivíduo prudente é, portanto, o resultado buscado pelo humanismo de Vico.

REFERÊNCIAS

DAMIANI, Alberto. Teoria Y Praxis En De Nostri Temporis Studiorum Ratione. 1993. Cuadernos sobre Vico. *Teoría y praxisen “De nostritemporisstudiorum ratione”* [3, 1993; pp. 53-66].

FRANCA, Leonel, S.J. *O método pedagógico dos jesuítas – O RatioStudiorum*. Campinas, SP: Kírion, 2019.

GUIDO, Humberto. *Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade/ Humberto Guido*. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

SANTOS, Vladimir Chaves dos. Vico e a ordem de estudos de seu tempo: a ligação entre conhecimento e ética. *Educação e Sociedade*, Campinas , v. 24, n. 85, p. 1277-1294, Dec. 2003

SILVA NETO, S. de A. (2014). O ESTOPIM DE UMA QUERELA: CHARLES PERRAULT E SUA HOMENAGEM AO SÉCULO DE LUÍS XIV. *Cadernos De Ética E Filosofia Política*, 2(23), 93-108. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/74737>

VICO, Giambattista. *Del Método De Estudio De NuestroTiempo*. Cuadernos sobre Vico. 1998